

## **BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS**

Chegamos então até a QUINTA das bem-aventuranças:

### **Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.**

Esta declaração representa um novo estágio na descrição do cristão, contida nas bem-aventuranças.

Verifica-se uma modificação no tipo e variedade de descrição. Passamos agora a interessar-nos mais pelas disposições do crente, olhando mais para os resultados de tudo quanto antes fora dito.

Naturalmente, isso também se dá no caso das bem-aventuranças subsequentes.

Já vimos alguns dos resultados que se verificam quando um homem realmente já se viu a si mesmo, sobretudo quando ele já se viu em seu relacionamento para com Deus. (Depravação Total)

Aqui, pois, estão algumas outras conseqüências que inevitavelmente terão de manifestar-se quando uma pessoa se torna verdadeiro crente.

Novamente podemos enfatizar o fato que o nosso Senhor escolheu criteriosamente a sequência de exposição das bem-aventuranças. Ele não falou meramente ao acaso.

Há um progresso bem definido no Seu pensamento; há uma sequência lógica.

Esta bem-aventurança particular deriva-se de todas as que a antecedem, e esta conectada especialmente com a bem-aventurança imediatamente anterior, que diz: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos". Então nos achegamos a quinta bem aventurança:

### **Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.**

Que tremendo teste para cada um de nós, quanto a toda a nossa posição e profissão de fé cristã!

É uma declaração que sonda nosso coração! Cristo esclareceu que essas são as pessoas felizes, são as pessoas que merecem ser congratuladas. É assim que o homem deveria ser: misericordioso.

Nosso Senhor estava retratando e delineando o crente e o caráter do crente.

Através das bem aventuranças, Ele nos sonda e testa, revelando tudo quanto à nossa profissão de fé cristã.

Esses testes fazem-nos lembrar de determinadas verdades, as quais são centrais e primárias no tocante à posição cristã inteira.

**A primeira** dessas verdades é a seguinte: O Evangelho cristão põe toda a sua ênfase sobre a questão do ser, e não sobre a questão do fazer.

O Evangelho dá muito maior importância às nossas atitudes do que às nossas ações (Motivação do coração).

Logo de início, o Evangelho frisa principalmente aquilo que você e eu somos na essência, e não aquilo que possamos realizar. Por todo este sermão, nosso Senhor preocupava-se com as nossas motivações.

Mais adiante Ele iria falar sobre as nossas ações; todavia, antes de fazê-lo, preferiu descrever o caráter e a **disposição corretos**.

Esse é o ensino essencial do novo testamento: O crente é alguma coisa, antes de fazer qualquer coisa; e assim, precisamos ser crentes, antes de podermos agir como crentes. Ora, essa é uma verdade fundamental.

Ser é mais importante do que fazer, e as atitudes são mais importantes do que os atos.

Primariamente, o que importa é o nosso caráter essencial.

Não fomos convocados como crentes, para sermos ou tentarmos ser crentes em certos aspectos.

Ser crente é possuir determinado caráter, e, portanto, é ser um certo tipo de pessoa. Contudo, essa verdade é erroneamente interpretada com tanta frequência que a maioria das pessoas pensa que o Novo Testamento nos ensina a tentar ser crentes quanto a este ou àquele aspecto, procurando viver como um crente vive, neste ou naquele particular.

De maneira nenhuma! Mas somos crentes, e as nossas ações são resultantes desse fato.

Subindo mais um degrau em nossas considerações, poderíamos dizer o seguinte:

Não se espera de nós que controlemos o nosso cristianismo; pelo contrário, nosso cristianismo é que nos deve controlar. A ideia é que o meu cristianismo precisa controlar-me: é necessário e essencial que eu seja governado pela verdade, visto que a operação do Espírito Santo em meu íntimo tornou-me crente.

**Gálatas 2:19-20 Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.**

É como se Paulo tivesse dito: "É Cristo quem me controla, e não eu mesmo. Portanto, não devo conceber a minha pessoa como um homem natural que esteja procurando controlar as suas atitudes e tentando ser um crente de diversas maneiras. Não, mas pelo contrário, o Seu Espírito controla-me desde o próprio centro de minha vida, dirigindo a própria fonte do meu ser, o manancial de onde brotam todas as minhas atividades".

Ninguém pode ler essas bem-aventuranças sem chegar a essa conclusão. A fé cristã não é algo que se manifeste à superfície da vida de um homem, não é meramente uma espécie de camada de verniz.

Não, mas é algo que está sucedendo no mais profundo de sua personalidade. Eis a razão por que o Novo Testamento fala em novo nascimento e em renovação espiritual, em uma nova criação e no recebimento de uma nova natureza. A fé cristã é algo que acontece num homem, no próprio cerne da sua existência; e esse algo passa então a controlar todos os pensamentos, toda a perspectiva do seu ser, toda a sua imaginação, e, em resultado disso, até mesmo todos os seus atos. Todas as nossas atividades, portanto, resultam dessa nova natureza, dessa nova disposição que recebemos da parte de Deus, através do Espírito Santo.

Essa é a razão pela qual essas bem-aventuranças nos sondam tão profundo em nossos corações. Por assim dizer, elas nos afirmam que ao vivermos a nossa vida diária, o tempo todo estaremos proclamando exatamente aquilo que somos. É isso que empresta tão grande seriedade à questão.

Segundo a nossa maneira de reagir é que demonstramos qual seja a nossa atitude espiritual; e é o espírito que proclama o que o indivíduo é em termos de cristianismo.

Naturalmente, há pessoas que, em virtude de forte poder da vontade, são capazes de controlar regularmente bem a maior parte dos seus atos. No entanto, em todos esses outros particulares, elas não cessam de proclamar o que realmente são. Todos nós vivemos proclamando se somos mesmo ou não "humildes de espírito"; se nos "lamentamos chorando", ou não; se somos "mansos", ou não; se "temos fome e sede de justiça", ou não.

Nossa vida inteira serve de expressão e proclamação daquilo que realmente somos.

E ao nos defrontarmos com uma lista como esta, ou então quando consideramos esse fabuloso retrato falado do crente, traçado por nosso Senhor, somos forçados a olhar para nós mesmos, examinando-nos e fazendo essas indagações a nosso respeito.

A pergunta específica que cabe aqui é: Somos misericordiosos?

O crente, de conformidade com nosso Senhor, não é somente aquilo que já vimos nele, nos capítulos anteriores, mas também é misericordioso. Esse é o indivíduo abençoado, pois é uma pessoa misericordiosa.

Que quis nosso Senhor dizer com isso?

Primeiramente, permita-me mencionar apenas um ponto negativo, que se impõe devido à sua importância. Não está em pauta que devamos ser "complacentes" com as coisas, conforme costumamos dizer. Pois há muita gente, nestes nossos dias, que pensa que ser misericordioso significa ser "complacente", alguém que não presta atenção às coisas, ou que, mesmo que as veja, finja não estar percebendo coisa nenhuma.

Isso, naturalmente, tem sido um perigo particular em todas as épocas, mas, sobretudo neste tempo em que quase ninguém mais acredita em ordem e disciplina, em que, em certo sentido, quase ninguém crê em justiça ou retidão. A opinião de nossa época é que o ser humano deve ter a mente mais absolutamente aberta, como se tivesse o direito de fazer qualquer coisa que queira.

O indivíduo misericordioso, conforme muitos pensam, seria aquele que sorri diante da transgressão e da desobediência às leis; seria aquele que diz: "Que importa? Vamos adiante!" Tal pessoa seria um moleirão, um desligado da realidade, que todos são capazes de dobrar facilmente, e para quem não importa se as leis estão sendo desobedecidas ou não, porquanto nem se incomoda por observá-las.

Ora, como é óbvio, não era isso que nosso Senhor queria dizer com a sua descrição do crente, neste versículo, e isso por excelentes razões.

Você deve estar lembrado que quando consideramos essas bem-aventuranças como um todo, salientamos fortemente o fato que nenhuma delas deveria ser interpretada em termos de disposições naturais de cada indivíduo; porquanto se alguém começasse a meditar nas bem-aventuranças segundo tais condições, perceberia que isso as tornaria grosseiramente injustas. (Se é natural da pessoa, não posso fazer nada).

Algumas pessoas já nascem com essa disposição, mas outras não; e assim, o indivíduo que nascesse com um temperamento complacente teria aqui uma grande vantagem sobre aqueles que não nasceram assim. Ora, isso seria uma negação do ensino bíblico inteiro. O Evangelho de Cristo não se limita a certos temperamentos; de acordo com o Evangelho, ninguém tem qualquer vantagem sobre outrem, quando se trata de enfrentar Deus face a face. **Romanos 3:21-23 Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos [e sobre todos] os que crêem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.**

Esse é o ensino do Novo Testamento, o que quer dizer que as disposições naturais jamais podem servir de base interpretativa para qualquer das bem-aventuranças.

Todavia, existe uma razão ainda mais forte para a nossa contenção, ao dizermos que o que se deve entender por "misericordioso" não é que a pessoa seja complacente. Pois quando interpretamos essa palavra,

necessário é que nos lembremos que esse é um adjetivo aplicado especial e especificamente ao próprio Deus. Por conseguinte, sem importar o que eu decida quanto ao significado da palavra "misericordioso", isso também é uma das qualidades ou atributos de Deus; mas, no momento em que eu considerasse essa palavra como se tivesse o sentido de ser complacente, isso lançaria a ideia no ridículo, se ela fosse aplicada a Deus.

Deus é misericordioso; mas Deus também é reto, Deus também é santo, Deus também é justo; e, sem importar qual seja exatamente a nossa interpretação da palavra "misericordioso", forçoso é que se inclua todas essas ideias. **Salmos 85:10 Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram.**

Mas, se eu só posso pensar na misericórdia às custas da verdade e da lei, então isso não será a verdadeira misericórdia, e, sim, uma falsa compreensão do termo.

Que é a misericórdia? Penso que talvez a melhor maneira de abordarmos esse ponto seja comparando a misericórdia com a graça. Você pode notar, na introdução das chamadas Epístolas Pastorais, que o apóstolo se utilizou de uma nova palavra. A maioria das demais epístolas de Paulo começa dizendo: "Graça e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo"; mas, em suas epístolas pastorais, ele prefere dizer: "Graça, misericórdia e paz", o que indica que ele fez uma interessante distinção entre a graça e a misericórdia.

A melhor definição dessas duas virtudes que jamais encontrei, é a seguinte:

"A graça é especialmente vinculada aos homens, em seus pecados; mas a misericórdia é especialmente associada aos homens, em sua miséria".

Graça – É não nos punir segundo nossos pecados e, além disso, nos conceder a salvação em Cristo Jesus.

Misericórdia – È olhar para a miserabilidade de nosso ser e não nos punir segundo nossas ações pecaminosas.

A misericórdia realmente aponta para um senso de compaixão, com o objetivo de aliviar os sofrimentos. Esse é o sentido especial da qualidade da misericórdia: dó em parceria com a ação.

Assim sendo, o crente é alguém dotado do senso da piedade. A sua preocupação com a miséria sofrida por homens e mulheres produz nele o intenso desejo de aliviá-la.

Há muitas maneiras através das quais poderíamos ilustrar essa verdade. Por exemplo, possuir um espírito misericordioso equivale à atitude exibida quando você, subitamente, se vê em posição de domínio sobre outrem, que havia transgredido contra sua pessoa. Ora a maneira de você saber se é uma pessoa misericordiosa ou não consiste em considerar como você se está sentindo a respeito daquele indivíduo que o ofendeu. Haverá você de dizer: "Bem, agora exercerei os meus direitos quanto a isso. Quero cumprir a lei à risca. Essa pessoa transgrediu contra mim, e sei que é chegada a minha oportunidade de vingar-me"?

Essa atitude formaria a própria antítese da atitude misericordiosa. Tal transgressor está à sua mercê.

Em você manifesta-se, porventura, um espírito vingativo, ou antes, há em você a atitude de piedade e tristeza, ou, se você assim preferir, um espírito de gentileza para com o seu adversário, agora aflito?

E também poderíamos descrever a misericórdia como uma simpatia interna acompanhada de atos externos em relação às tristezas e sofrimentos do próximo.

**Talvez** um exemplo seja a melhor maneira de ilustrarmos a questão. A grande ilustração oferecida pelo Novo Testamento a respeito da misericórdia é a parábola do Bom Samaritano. De viagem, ele viu o pobre homem que havia caído vítima dos assaltantes; então estacou, atravessou a estrada e foi acudir a vítima deitada no solo. Ora, outros indivíduos já haviam passado por ali, mas haviam passado ao largo da vítima. Talvez esses outros tivessem sentido compaixão e dó, mas nada tinham feito para socorrer a vítima. Porém, eis que chegou aquele samaritano misericordioso; e não somente ele se encheu de pena pela vítima, mas também deixou o seu próprio sossego, cuidou dos ferimentos e levou o ferido para lugar seguro, providenciando ainda o seu passadio no albergue. É isso que significa ser misericordioso. Não está envolvido o mero sentimento de compaixão; mas também há um profundo desejo, e até mesmo ação, para que a situação aflitiva seja aliviada.

Porém, partamos daí para o maior exemplo de todos. O perfeito e cardeal exemplo de misericórdia e da pessoa misericordiosa foi o envio do Filho unigênito ao mundo, por parte do Pai, bem como a própria vinda do Filho de Deus. Por quê? Porque isso envolveu a mais terna misericórdia. Deus viu o nosso deplorável estado, viu o nosso sofrimento, e, a despeito de sermos apenas transgressores da lei, foi precisamente a Sua misericórdia que O impeliu a agir em nosso favor. Assim sendo, o Filho de Deus

#### ESTUDOS NO SERMÃO DO MONTE

veio e cuidou de nossa mísera situação. Ora, isso tornou necessária a doutrina inteira da expiação. Não há qualquer contradição entre a justiça e a misericórdia, ou entre a misericórdia e a verdade. Elas se encontraram uma com a outra. Realmente, o pai de João Batista exprimiu com grande clareza esse ponto quando, ao compreender o que estava sucedendo no nascimento de seu filho, agradeceu a Deus que, finalmente, chegara a manifestar-se a misericórdia divina, prometida que fora aos seus antepassados; e então ele começou a louvar a Deus porque o Messias chegara entre nós "... graças à entranhável misericórdia de nosso Deus (Lucas 1:78). Essa é a ideia; e Zacarias percebeu isso logo de início. Tudo é uma questão de misericórdia divina. Reitero aqui que está em foco a pessoa de Deus, olhando com condescendência para o homem, o qual está caído em sua miséria devido ao pecado, e enchendo-se de terna compaixão por ele. A graça divina, que ali se manifesta de modo geral no tocante ao pecado, particulariza-se na forma de misericórdia quando Deus olha para as lamentáveis consequências do pecado. E, naturalmente, isso era uma atitude que podia ser constantemente observada na vida e no comportamento de nosso bendito Senhor, Jesus Cristo.

Isso, pois, fornece-nos uma definição razoavelmente boa do que significa ser misericordioso. O real problema envolvido nesta bem-aventurança, entretanto, e levantado em face da promessa que diz: "... porque alcançarão misericórdia". Talvez não exista outra, dentre as bem-aventuranças, que tenha sido tão mal compreendida quanto esta. Pois há pessoas que a querem interpretar como segue. Dizem elas: "Se eu mostrar-me misericordioso para com outras pessoas, então Deus terá misericórdia de mim; se eu perdoar a outros, também serei perdoado. A condição para que eu seja perdoado é que eu saiba perdoar". Ora, a

melhor maneira de abordarmos esse problema é considerando-o juntamente com duas afirmativas que lhe são paralelas. Primeiramente, devemos considerar aquela bem conhecida asserção, dentro da oração do Pai Nosso, que faz um exato paralelo com o que aqui foi escrito: "... perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores. . ." (Mateus 6:12); ou então, conforme Lucas deixou registrado: "... perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve" (Lucas 11:4). Existem pessoas que interpretam esse ensino como se ele estivesse dizendo que, se perdoarmos a outros, então também seremos perdoados; em caso contrário, não seremos perdoados. Por essa mesma razão é que certas pessoas se recusam a recitar a oração do Pai Nosso.

Também há uma declaração similar, na parábola dos dois devedores, citada em Mateus 18. Encontramos ali um servo cruel, cujo senhor exigiu que ele saldasse certa imensa dívida. Tal servo não tinha como pagar a seu senhor, e, por isso mesmo, implorou-lhe o cancelamento da dívida. O senhor demonstrou misericórdia para com ele, e lhe perdoou a dívida inteira. Porém, conforme você deve estar lembrado, quando aquele servo saiu dali, encontrou-se com um seu conservo que lhe devia irrisória quantia, e exigiu que este último pagasse a dívida. Esse conservo, por sua vez, rogou que a pequena quantia lhe fosse dispensada, dizendo: "Sê paciente comigo, e te pagarei". Entretanto, aquele servo credor não quis dar-lhe ouvidos, mas antes, lançou-o na prisão, até que este lhe pagasse o último centavo. Contudo, havia outros servos

#### BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

que, ao testemunharem o ocorrido, foram relatar o que acontecera ao senhor de todos eles. Ao ouvir a notícia, o senhor chamou novamente o servo incompassivo e injusto, e como que lhe disse: "Em face do que acabas de fazer, estou desfazendo o perdão com que te havia perdoado". E o senhor ordenou que aquele servo fosse encarcerado, decretando a prisão do mesmo até que pagasse o último centavo de sua dívida. E nosso Senhor termina aquela parábola com as seguintes palavras: "Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão" (Mateus 18:35).

É por essa altura que aquelas pessoas começam novamente a dizer: "Pois é! Isso não nos ensina claramente que só poderemos ser perdoados por Deus se perdoarmos a outros, e de conformidade com a extensão de nosso perdão?" Para mim é espantoso que as pessoas possam chegar a uma interpretação dessa ordem; e fico admirado diante disso por dois motivos principais. Em primeiro lugar, se você e eu tivéssemos de ser julgados rigidamente de acordo com essas condições, é fora de questão que nenhum de nós seria perdoado, e assim jamais poderíamos chegar ao céu. Se essa passagem tivesse de ser interpretada segundo esses termos estritamente legais, o perdão seria algo impossível para nós. É estranho que as pessoas possam pensar como pensam, sem perceberem que, assim fazendo, estão se condenando a si mesmas.

O segundo motivo ainda é mais impressionante. Se essa realmente fosse a interpretação dessa bem-aventurança e de suas passagens paralelas, então seríamos obrigados a cancelar toda a doutrina da graça, eliminando-a das páginas do Novo Testamento. Nunca deveríamos repetir a declaração que somos salvos pela graça divina, mediante a fé, e isso não vem de nós mesmos; jamais deveríamos ler aquelas gloriosas

palavras que nos affiançam que ". . . Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Romanos 5:8); ou: "... quando inimigos, fomos reconciliados com Deus..." (Romanos 5:10); ou ainda: ". . . Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo. . ." (II Coríntios 5:19). Todos esses maravilhosos trechos bíblicos precisariam ser riscados do volume sagrado; pois todos eles diriam inverdades; todos eles expressariam um disparate. Todavia, conforme se sabe muito bem, as Escrituras devem ser interpre-tadas à luz das Escrituras, de modo que nunca haja contradições. É mister que saibamos manejar "bem a palavra da verdade" (II Timóteo 2:15), cuidando para que haja harmonia entre doutrina e doutrina.

Ora, quando aplicamos isso à declaração que temos à nossa frente, a explicação sobre a mesma é perfeitamente simples. O que nosso Senhor realmente ensinava era que só serei verdadeiramente perdoado quando eu estiver verdadeiramente arrepen-dido/Ora, estar realmente arrependido significa perceber que nada mereço senão a punição, e que, se eu chegar a ser perdoado, esse perdão dever-se-á única e exclusivamente ao amor, à graça e à misericórdia de Deus, e a nada mais. Porém, quero ir um pouco adiante, asseverando que está aqui em pauta a seguinte ideia. Se eu estiver realmente arrependido, e se perceber a minha real situação diante de Deus, compreendendo que só poderei ser perdoado em consonância com aquela condição, então será imprescindível que eu perdoe àqueles que transgredirem contra mim.

Permita-me expressar a questão como segue. Dei-me ao trabalho de salientar

#### ESTUDOS NO SERMÃO DO MONTE

como, em cada caso, essas bem-aventuranças são uma derivação daquilo que já fora dito. Ora, esse princípio básico nunca foi mais importante do que neste versículo. Essa bem-aventurança deriva-se de todas as que a precedem; e, portanto, expresse a questão da seguinte maneira. Sou humilde de espírito; percebo que não há qualquer retidão em minha própria pessoa; entendo que se posto face a face com Deus e com a Sua justiça eu estaria irremediavelmente perdido; nada posso fazer. E não somente isso; mas também lamento-me chorando por causa do pecado que está em mim. Além disso, em resultado das operações do Espírito Santo, cheguei a tomar consciência da negridão de meu próprio coração. Sei o que significa clamar: "Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte?", desejando ver-me liberto da vileza que se manifesta em meu interior. Mais do que isso, mostro-me manso, o que significa que agora já recebi uma visão autêntica de mim mesmo, entendendo que ninguém pode prejudicar-me de veras, que ninguém pode realmente ofender-me, que ninguém jamais pode dizer algo demasiadamente pesado a meu respeito. Já vi a mim mesmo, e o meu maior inimigo desconhece o que há de pior dentro de mim. Vi a mim mesmo como alguém verdadeiramente odioso, e é justamente por essa razão que tenho sentido fome e sede de justiça. Tenho anelado pela justiça. Também já entendi que não posso criar e nem produzir a justiça em mim, e que nenhum outro ser humano pode ajudar-me quanto a esse particular. Já vi minha desesperadora situação diante de Deus, e tenho tido fome e sede daquela retidão que me reconciliará com Deus, que endireitará a minha situação diante dEle, que me proporcionará uma nova natureza e uma nova vida. E então vi que, em

Cristo, eu tenho tudo o de que necessito. Assim, fiquei inteiramente satisfeito; e recebi tudo isso como uma dádiva gratuita.

Porventura não se segue daí, inevitavelmente, que, se eu já vi e experimentei tudo isso, a minha atitude para com meus semelhantes deve ser total e completamente mudada? Se tudo isso já aconteceu comigo, então não mais estarei enxergando os outros homens conforme eu costumava vê-los. Agora vejo-os através de olhos cristãos. Vejo-os como vítimas e escravos do pecado, de Satanás, e do caminho do mundo. E assim considero-os não como homens que me causam aversão, e, sim, como homens de quem me devo compadecer. Vejo-os como indivíduos controlados pelo deus deste mundo, como quem continua no lugar onde também já estive, e onde eu mesmo teria continuado não fora a graça divina. Por conseguinte, lamento a situação deles. Não me ponho meramente a contemplar os homens e o que eles praticam. Mas vejo-os como escravos do inferno e de Satanás, e toda a minha atitude para com eles se modifica em consonância com isso. Por causa disso, como é lógico, posso e devo mostrar-me misericordioso para com os meus semelhantes. Sou capaz de estabelecer a diferença entre o pecador e o seu pecado. Todos aqueles que estão sujeitos ao pecado, passo então a considerar como quem é digno de compaixão.

Contudo, quero reconduzir você ao exemplo supremo. Contemple-O ali, cravado na cruz. Aquele que jamais pecou, que nunca prejudicou a alguém, que veio para anunciar a verdade, que veio buscar e salvar o que estava perdido. Ali encontra-se Ele, pregado na cruz e sofrendo agonias. Não obstante, o que foi que Ele disse, ao contemplar aqueles que eram os responsáveis pelo Seu sofrimento? "Pai, perdoa-lhes". Mas, por quê? "Porque não sabem o que fazem". Não eram eles os culpados, mas

#### BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

era Satanás; eles mesmos eram apenas vítimas, pois eram governados e dominados pelo pecado. "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34). Ora, você e eu devemos tornar-nos tais e quais Jesus Cristo. Consideremos ainda Estêvão, o mártir que também atingiu esse nível espiritual. Quando o apedrejavam, que foi que ele disse? Orou ao Pai celeste, e clamou: "Senhor, não lhes imputes esse pecado" (Atos 7:60). É como se Estêvão houvesse dito: "Senhor, eles não sabem o que fazem. Estão loucos. Loucos por causa do pecado. Não compreendem que eu sou Teu servo. Também não compreenderam ao meu Senhor e Mestre. Ficaram cegos pelo deus deste mundo. Não sabem o que estão fazendo. Não lhes imputes este pecado. Não são responsáveis pelo que fazem". Sim, Estêvão teve compaixão daquela gente, mostrou-se misericordioso para com eles. E essa, repito, deve ser a condição de todo aquele que é crente autêntico. Cumpre-nos sentir profunda tristeza por todos aqueles impotentes escravos do pecado. Essa deve ser a nossa atitude para com as pessoas.

Indago, curioso, se porventura já reconhecemos ser essa a posição do crente, mesmo quando as pessoas abusam de nós, desprezando-nos e prejudicando-nos. Conforme veremos mais adiante, neste Sermão do Monte, mesmo quando estiverem errando assim, devemos mostrar-nos misericordiosos para com eles. Você já passou por algo parecido em sua experiência pessoal? Você já demonstrou compaixão pelas pessoas que,

através da expressão de seus rostos, demonstravam toda a amargura e a ira que sentiam? Essas pessoas são dignas de compaixão. Considere as coisas a respeito das quais elas se iram, o que demonstra que toda a atitude dessas pessoas está errada desde o próprio âmago. Elas são tão diferentes de Cristo, e tão diferentes de Deus, o qual lhes perdoou de todas as suas transgressões. Deveríamos sentir profunda tristeza por essas pessoas, deveríamos orar a Deus em favor delas, pedindo-Lhe que use de misericórdia para com elas. E afirmo que tudo isso acontece em sequência, necessariamente, se é que verdadeiramente já sabemos o que significa ter sido perdoado. Se sei que sou devedor somente à misericórdia divina, se entendo que sou crente somente por causa daquela gratuita graça de Deus, então eu não deveria permitir qualquer sentimento de orgulho pessoal, não deveria haver em mim qualquer espírito vingativo, e, sem dúvida, eu não deveria ficar insistindo sobre os meus direitos. Pelo contrário, quando eu contemplasse outras pessoas, mesmo que nelas houvesse coisas indignas, ou seja, alguma manifestação do pecado, eu deveria sentir esse profundo pesar em meu coração, por causa delas.

Todas essas coisas, pois, seguem-se inevitável e automaticamente. É isso que nosso Senhor estava ensinando nesta passagem bíblica. Se alguém é misericordioso, assim deve ser a sua misericórdia. Você já experimentou tal sentimento, e haverá de senti-lo novamente a cada vez que cometer algum pecado; porquanto quando você perceber que praticou algo de errado, haverá de voltar-se para Deus e dizer-Lhe: "Tem misericórdia de mim, ó Deus". Todavia, lembre-se disto. Se, quando você pecar, tomar consciência do fato e arrepender-se, dirigindo-se imediatamente a Deus, para rogar-Lhe perdão, de joelhos, mas então lembrar-se que ainda não perdoou a alguém, então você não terá confiança na eficácia de sua oração, e haverá de desprezar a si mesmo. É conforme Davi declarou: "Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido" (Salmos 66:18). Se você ainda não perdoou a seu irmão, talvez você peça

## ESTUDOS NO SERMÃO DO MONTE

perdão a Deus, mas não terá confiança que a sua própria oração será ouvida, e a sua oração não será respondida. É isso que ensina a presente bem-aventurança. É isso que ensinou nosso Senhor na Sua parábola dos dois devedores. Se aquele servo cruel e injusto não perdoou ao servo que lhe devia algo, então é que ele mesmo era um homem que nunca compreendera o perdão, e nem o seu relacionamento para com o seu senhor. E, por esse motivo, não foi finalmente perdoado. A única condição para alguém ser perdoado é que tenha havido arrependimento no seu íntimo. O arrependimento envolve, entre outras coisas, que eu perceba que nada posso reivindicar como meu direito da parte de Deus, e que é somente através da Sua graça e misericórdia que poderei ser perdoado. Por conseguinte, segue-se, tal como o dia segue-se à noite, que o homem que se apercebe verdadeiramente de sua posição diante de Deus, de seu relacionamento com Deus, é o homem que necessariamente sente compaixão por seus semelhantes.

É solene, sério, e, em certo sentido, terrível, dizer-se que você não pode ser verdadeiramente perdoado se não possuir espírito perdoador. Pois a operação da graça divina é tal que, quando ela se manifesta, perdoadora, em nossos corações, também nos torna misericordiosos. Assim sendo, pela maneira como

perdoamos ou não, proclamamos se já recebemos ou não o perdão do alto. Se já fui perdoado, então também perdôo. Nenhum de nós possui, por natureza, espírito perdoador. E, se porventura, você é dotado dessa atitude, então assim acontece devido a uma única razão: é que você já viu o que Deus fez em seu favor, a despeito do que você mereça em contrário. E então você dirá: "Sei que já fui perdoado, realmente; portanto, também perdôo a meus ofensores verdadeiramente". "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia." Visto já terem obtido a misericórdia, por isso mesmo são misericordiosos. Enquanto estivermos neste mundo haveremos de cair em transgressão. Mas, no momento em que pecarmos, teremos de precisar dessa misericórdia, e haveremos de alcançá-la. Lembremo-nos, igualmente, do nosso fim. Em II Timóteo 1:16-18, Paulo insere uma observação a respeito de Onesíforo, a quem ele lembrava como uma das pessoas que se tinha compadecido dele, que o tinham visitado enquanto ele era prisioneiro em Roma. E então o apóstolo acrescenta: "O Senhor lhe conceda, naquele dia, achar misericórdia da parte do Senhor". Oh, sim, naquele dia haveremos de precisar de misericórdia; no fim, precisaremos de misericórdia, no dia do julgamento, quando cada um de nós tiver de postar-se de pé diante do tribunal de Cristo, prestando-Lhe contas por aquilo que tivermos feito por intermédio do corpo. Certamente transparecerão ali coisas erradas e pecaminosas, e, naquele dia, precisaremos da misericórdia do Senhor. Mas, graças a Deus, se a graça de Cristo está em nós, se o Espírito do Senhor está em nós, e se somos misericordiosos, haveremos de receber misericórdia naquele dia. O que me torna misericordioso é a graça de Deus. A graça divina torna-me, de fato, misericordioso. Por conseguinte, tudo gira em torno desse conceito. Se ali eu não for considerado misericordioso, então é que jamais pude entender a graça e a misericórdia de Deus, é que estou fora de Cristo, é que ainda estou em meus pecados, é que ainda não fui perdoado.

"Examine-se, pois, o homem a si mesmo. . ." (I Coríntios 11:28). Não estou perguntando de você que qualidade de vida está vivendo, Não estou indagando se

## BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

você faz isto ou aquilo. Não estou interessado em saber se você tem algum interesse geral pelo Reino de Deus e pela Sua casa. Estou perguntando, simplesmente, o seguinte: Você é misericordioso? Você se entristece pelo pecador, embora esse pecador o tenha ofendido? Você sente compaixão de todos aqueles que são vítimas e estão sendo iludidos pelo mundo, pela carne e pelo diabo? Esse é o grande teste. "Bem-aventurados — felizes — são os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia."

## Capítulo X

### BEM-AVENTURADOS OS LIMPOS DE CORAÇÃO

Temos chegado a uma declaração que, indubitavelmente, é uma das maiores declarações que podem ser encontradas em todas as páginas das Santas Escrituras. Qualquer indivíduo que ao menos perceba parte do significado dessas palavras: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus" (Mateus 5:8), só poderá aproximar-se delas com profundo sentimento de admiração e de completa inadequação pessoal. Essa

afirmação, naturalmente, tem atraído a atenção do povo de Deus desde quando foi proferida pela primeira vez, e muitos grossos volumes têm sido escritos, na tentativa de fazer-lhe a exposição. É óbvio, portanto, que ninguém pode esperar fazer um estudo dessa declaração, em sentido exaustivo, em um único capítulo. De fato, ninguém poderá jamais exaurir o significado desse versículo. Apesar de tudo quanto tem sido escrito e pregado, algo continua nos iludindo. Nosso melhor plano, talvez, seja simplesmente tentar apreender alguma coisa de seu significado e ênfase centrais.

Sinto uma vez mais que é importante que consideremos o texto desta bem-aventurança, estudando-a em relação às demais. Conforme já vimos, nosso Senhor não selecionou ao acaso essas declarações. É evidente que há uma definida sequência de pensamento, e a nossa tarefa consiste em tentar descobrir essa sequência. É claro que sempre devemos exercer a máxima cautela, quando assim fazemos. E é interessante tentar descobrir a ordem e a sequência existentes em todas as Escrituras; porém, é por demais fácil alguém impor ao texto sagrado as suas próprias ideias quanto à ordem e a sequência. Uma análise dos livros da Bíblia pode constituir um estudo verdadeiramente útil. Todavia, sempre haverá o perigo de que, ao impormos a nossa própria análise ao que a Bíblia diz, acabemos por distorcer a sua mensagem. Assim, ao procurarmos descobrir a ordem lógica das Escrituras, não nos devemos olvidar dessa advertência necessária.

Sugiro que aquilo que digo em seguida é uma das maneiras possíveis de se entender essa sequência. A primeira pergunta que precisa ser respondida, é esta: Por que esta declaração foi posta neste lugar? Poderíamos pensar que ela bem poderia ter sido colocada no princípio da sequência, porquanto o povo de Deus sempre considerou que receber a visão de Deus é o sumo bem. Esse é o alvo final de todo empreendimento. "Ver a Deus" é o propósito mesmo da religião. Não obstante, aqui encontra-se essa ideia, não no começo, e nem no fim, nem mesmo precisamente no meio da sequência. Por si só, isso deveria despertar em nossas mentes a pergunta: Por que essa bem-aventurança aparece justamente aqui? Uma possível análise, que me parece atrativa, é a que passo a fazer. Considero o sexto versículo como aquele que quedos os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos".